

FACULDADE CATÓLICA DE ANAPÓLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

MATHEUS VINÍCIUS DE OLIVEIRA SANTOS

**A ILUMINAÇÃO TRINITÁRIA EM SANTO AGOSTINHO:
DOS COMENTÁRIOS AO GÊNESIS AO EVANGELHO DE JOÃO**

ANÁPOLIS - GO

2021

MATHEUS VINÍCIUS DE OLIVEIRA SANTOS

**A ILUMINAÇÃO TRINITÁRIA EM SANTO AGOSTINHO:
DOS COMENTÁRIOS AO GÊNESIS AO EVANGELHO DE JOÃO**

Trabalho de Conclusão apresentado junto ao curso de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia sob orientação do professor Pe. Carlos Bernardo para a conclusão da disciplina de Seminário Teológico.

ANÁPOLIS - GO

2021

“A Deo Omnia.”

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. A DOCTRINA DA ILUMINAÇÃO DE SANTO AGOSTINHO.....	5
1.1 Perspectivas filosóficas da Doutrina da Iluminação	5
1.1.1 O Princípio da interioridade: a Verdade alocada no coração do homem.....	6
1.2 O lugar do homem na metáfora da Iluminação	7
1.3 O Processo da Iluminação	9
2 OS COMENTÁRIOS DE AGOSTINHO AO RELATO DA CRIAÇÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA DA ILUMINAÇÃO TRINITÁRIA	13
2.1 O Comentário ao Gênesis contra os Maniqueus	13
2.1.1 O “no princípio” e o “o Espírito pairava”: contrapontos a falácia maniqueia acerca da criação	14
2.1.2 “Faça-se a luz”: relação entre a feitura divina e a iluminação.....	15
2.2 O Comentário Literal ao Gênesis, Inacabado	17
2.3 O Comentário Literal do Gênesis.....	19
2.3.1 A Iluminação e a moral	19
2.3.2 Fim do homem: a visão beatífica de Deus <i>post mortem</i>	20
3 COMENTÁRIO DE AGOSTINHO AO EVANGELHO DE JOÃO: O VERBO QUE ILUMINA PLENIFICANDO A REVELAÇÃO.....	22
3.1 “O que foi feito por meio dele era a vida, e a vida era a luz dos homens”.	22
3.2 “Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz”	23
3.3 “E a luz brilha nas trevas, mas a trevas não a apreenderam.”.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

Agostinho foi o maior produtor de conteúdo da época patrística. Dentre os mais variados temas de suas obras, a tônica da Iluminação está no conglomerado dos objetos de estudo mais desenvolvidos pelo *Doctor Gratiae*.

Pode ser que este tema perfaça boa parte do *Opus Augustinianum* pelo fato de que se ocupa em discutir uma relação de extraordinária grandeza entre o Criador e sua criatura e vice-versa.

Várias são as perguntas que são respondidas pelo tratado da Iluminação, inserido nas mais diversas discussões filosófico-teológicas do Santo Bispo de Hipona. Tem destaque em popularidade, sobretudo na filosofia, o entendimento da Iluminação como uma explicação sobre o quesito gnosiológico do homem. Desdobrando-se deste, entre em voga a questão da liberdade e do livre-arbítrio que seriam as respostas do homem em vistas da ação iluminativa de Deus sobre ele.

Ao realizar estes questionamentos, chega-se a duas grandes origens do tema que norteiam a discussão de Agostinho: A Criação e a Redenção. Na Criação, o santo lança a s bases me comentar como Deus manifesta ao homem a capacidade intelectual. Já na Redenção, como opera a ação Divina depois de o homem ter escolhido não ser iluminado na totalidade que lhe cabia no princípio.

Esta revisão seleciona alguns quesitos da gama de discussões que Agostinho realiza acerca da temática da Iluminação, primeiramente percorrendo sobre a Doutrina como um todo, levando em consideração seus aspectos filosóficos, a Verdade que é transmitida neste processo, mas também, o lugar do homem na ação iluminativa da Trindade.

Em um segundo momento, a proposta é revisar os três comentários sobre o livro do Gênesis que Agostinho produz, com o foco específico na Doutrina da Iluminação, como vistas em chegar ao terceiro momento e perceber, após ter falado das origens, como a Iluminação colabora com a Redenção do homem através da Encarnação do Verbo.

Por fim, vale tecer o destaque de que tal revisão pode ter como objetivo prático a conscientização do homem relativamente a sua relação com o Criador e, além disso, seu itinerário de encontro com a vontade Dele para que possa, um dia, contemplar beatificamente a face amora da Trindade.

1. A DOCTRINA DA ILUMINAÇÃO DE SANTO AGOSTINHO

Dentro da perspectiva do estudo acerca do conhecimento em Santo Agostinho, dedicando-se a desenvolver uma resposta suficiente a forma como se dá a aquisição do conhecimento sensível, evidencia-se a necessidade da alma e do pensamento puro, e por consequência, a demonstração da existência de Deus.

Enquanto a conclusão de que os corpos materiais não são causa das sensações, permeia o entendimento sobre o conhecimento sensível, em Agostinho, o conhecimento racional, levanta o seguinte questionamento: a alma é causa de suas ideias ou tem uma origem diversa dela? Para responder esta questão gnosiológica, o Santo de Hipona desenvolve a Doutrina da Iluminação em que um mestre interior, que é a Trindade, ilumina a mente humana permitindo captar as ideias.

A fim de compreender a totalidade desta metáfora agostiniana, faz-se imperioso considerar as perspectivas filosóficas que a constroem em vistas de traçar o caminho de inserção do tema no *Opus Augustinianum*.

1.1 Perspectivas filosóficas da Doutrina da Iluminação

Inserido no empenho agostiniano de entender a aquisição de conhecimento do homem e os processos que fazem parte desta atividade, diferente do desenrolar do conhecimento sensível, como dito, está a Doutrina da Iluminação, inserida no processo de consecução do conhecimento racional.

Para alguns comentadores de Agostinho¹, a metáfora iluminativa é a cristianização da teoria platônica da anamnese – também chamada de reminiscência. Tendo em vista que o debate não é que uma seja a pura reinterpretação da outra em termos diferentes, podem-se elencar as semelhanças que coabitam em ambas, da mesma forma que as diferenças.

Para Platão, as almas humanas contemplaram as Ideias antes de encarnar-se nos corpos, e depois se recordam delas na experiência concreta. Para Agostinho, ao contrário, a suprema Verdade de Deus é uma espécie de luz que ilumina a mente humana no ato do conhecimento, permitindo-lhe captar as Ideias, entendidas como as verdades eternas e inteligíveis presentes na própria mente divina.²

¹ Cf. REALE; ANTISERI. 2003. p. 91

² *Ibidem*. 2003. p. 91

De fato, Agostinho recebe influências marcadamente aparentes da filosofia platônica, sobretudo quando desenvolvida por seus sucessores, como Plotino. Apesar disso, o próprio *Doctor Gratiae* constrói críticas robustas contra a doutrina da reminiscência platônica ao afirmar que, para aceitar o entendimento platônico, seria necessário, também, fazer crer que antes da criação dos corpos, as almas vagassem, indefinidamente, pela terra já com conhecimentos completos das Ideias. Entretanto, a consequência, quase que obrigatória, seria que, “se fossem apenas recordações de conhecimentos anteriores, nem todos, nem mesmo uma maioria que fosse, poderia se lembrar ao serem interrogados sobre esse determinado assunto.”³

No entanto, percebendo que a ordem natural não permitira uma pré-existência dissociada entre corpo e alma, Agostinho conclui que:

[...] é preferível acreditar que a natureza da alma intelectual foi criada de tal modo que, aplicada ao inteligível segundo sua natureza, e tendo assim disposto o Criador, possa ver esses conhecimentos em certa luz incorpórea de sua própria natureza. Assim acontece com o olho do corpo que vê os objetos que o cercam na luz natural, pois pode-se acomodar a essa luz, já que para ela foi feito.⁴

A partir da metáfora corpórea utilizada, também, para materializar sua explicação, Agostinho realiza a suposição de que ação pela qual o pensamento conhece a verdade seja cotejada àquela pela qual o olho vê os corpos. Dito isto, assoma-se a discussão um elemento basilar para a progressão desta que é o conceito de verdade. O mesmo faz-se primacial para adentrar mais profundamente no processo de iluminação percorrido por Santo Agostinho.

1.1.1 O Princípio da interioridade: a Verdade alocada no coração do homem

Neste segmento da gnosiologia de Agostinho, o conceito de verdade é central. A partir desta máxima, o bispo *hiponense* agrega outros conceitos fundamentais que justificam a noção de verdade e a sustentam.

A função da ideia de verdade em Agostinho dá pistas de como ele compreende o encontro do homem com ela, que, por conseguinte, culminará no desenvolvimento da metáfora da Iluminação. “Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontra senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo.”⁵ Diferente do que constroem outras linhas gnosiológicas que afirmam que os conceitos são

³ A Trindade, XII, XV, 24, p. 390.

⁴ *Ibidem*, p. 390

⁵ Verdadeira Religião, XXXIX, 72, p. 98

construídos a partir de experiências e raciocínios que advém da experiência do homem, em Agostinho, como percebe-se pelo excerto anteriormente citado, a Verdade já está inserida na realidade anímica do homem e quando este não a descobre em si, ele tem a obrigação honesta de ir além de si para encontrá-la.

Levando em consideração que, nos termos normais, a busca pela Verdade dá-se de forma justa, o próprio Agostinho conclui que o ápice da busca do conhecimento é a Verdade que, além disso, é a fonte da luz que ilumina a razão. “Em te ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão.”⁶ Entende-se, pois, que o conhecimento da Verdade só é possível porque Deus ilumina na razão humana a Verdade que já está inscrita nele e que a fora inscrita pela própria verdade no ato da criação.

Portanto, é patente dizer que, do mesmo modo que a Trindade, sendo puro ser, transmite o ser ao homem quando o cria, Deus Trino que é a Verdade, informa às almas a capacidade de conhecer a Verdade, por um processo de Iluminação no homem. Faz-se elementar, então, conceber o papel deste homem na ação iluminativa da Trindade, ao passo em que a mesma não se dá de forma impositiva – que feriria a perspectiva do livre-arbítrio, mas depende do querer do homem que tem inserido em seu ser a vontade inquietante de conhecer a Deus-Verdade. “[...] fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti.”⁷

1.2 O lugar do homem na metáfora da Iluminação

A inquietude, anteriormente citada, a qual faz Agostinho perceber a necessidade de buscar a Verdade, manifesta que o homem tem um lugar destacado no processo da Iluminação.

A consciência da dependência total do homem em relação a Deus é uma conclusão necessária para que o mesmo possa entender o seu papel na ação iluminativa da Trindade sobre ele. Ao confessar a percepção de que, nos fins de sua infância, tudo é dom de Deus, Agostinho passa a ter a convicção de que o homem só tem condições de ser personagem ativo na busca do conhecimento se compreender que a Trindade é fonte e ápice de sua existência e, por conseguinte, de sua aquisição de conhecimento, como se pode notar: “[...] graças sejam dadas a ti, Senhor, Criador e Ordenador do universo [...], pois, [...] até nas reflexões modestas sobre pequenas coisas, eu me alegrava ao encontrar a verdade.”⁸

⁶ *Ibidem*, p. 98

⁷ Confissões, I, I, 1, p.20.

⁸ Confissões, I, XX, 31, p.45.

Ainda sobre esta convicção da sujeição amorosa do homem diante de Deus, pode-se inferir, a partir das conclusões da confissão agostiniana que, conforme a Trindade atua iluminando a razão humana, este tem função de fazer crescer e aperfeiçoar tudo o que Deus o dá no quesito conhecimento⁹ – mas também, em todas as outras dimensões da vida do homem.

Infere-se, pois, também, que Agostinho entende o homem capaz de ser iluminado, não em uma reflexão puramente metafísico-ontológica, mas sim, elencando com característica primordial o aspecto da personalidade.

Agostinho não propõe o problema do homem em abstrato, ou seja, o problema da essência do homem em geral: o que ele propõe é o problema mais concreto do *eu*, do homem como *indivíduo irrepetível*, como *pessoa*, como *indivíduo*, poder-se-ia dizer com terminologia posterior. Nesse sentido, o problema de seu eu e o de sua pessoa tornam-se significativos: “*eu* próprio me tornara um grande problema (*magna quaestio*) para mim”; “eu não compreendo tudo o que sou”.¹⁰

Esta asserção do *Doctor Gratiae* possibilita a conclusão de que ele percebe a metafísica em um viés de personalidade. Ademais, para a questão da Iluminação, tal entendimento é de elementar importância porque o homem sendo criado a Imagem e Semelhança¹¹ da Trindade por ela, resulta que o homem é pessoa e ser relacional necessariamente.

Por ter expressado em seu ser esta correspondência com o Criador, o homem questiona-se de quão complexa é a sua constituição e, naturalmente pergunta-se sobre si, sobre as coisas que o rodeiam e da fonte da qual emana toda essa profusão de perfeições – em suma, busca conhecer uma felicidade, vontade de conhecer o Bem. “Resulta daí que, fora dessa posse de Deus, só existe a miséria para o homem. Viver bem é, precisamente, esforçar-se para possuí-lo.”¹² E ainda, “Da fonte da verdade brota, por assim dizer, sem cessar, em nossa direção, uma espécie de apelo que nos rememora a lembrança de Deus, convida-nos a busca-lo e nos faz sequiosos dele.”¹³

Perfaz-se que este “viver bem ou feliz” – em outros termos, a beatitude do homem – traduz-se como um conhecimento operativo, em Santo Agostinho, que ele intitula como a Sabedoria, que, conseqüentemente, é elementar nas faculdades da *anima* humana para a expressão de juízos necessários e verazes no processo iluminativo em vistas da finalidade do mesmo.

⁹ Cf. *Ibidem*, p. 45.

¹⁰ REALE; ANTISERI, 2003, p. 89, (grifo do autor).

¹¹ Cf. Gn 1, 26.

¹² GILSON, 2010, p. 23

¹³ *Ibidem*, p. 23.

1.3 O Processo da Iluminação

A ação operativa de conhecer, no homem, dá-se em um itinerário que pressupõe o trânsito do conhecimento a partir do exterior para o interior, ou seja, da relação com as coisas para a ação da razão e, em seguida, da abertura da razão a ação iluminativa de Deus que a liga com o alto.

Em Agostinho, é prefacial que a razão afirme que é possível saber acerca de alguma coisa. Antes de estabelecer uma certeza, por exemplo, sobre a existência de Deus, ele afirma que é anterior precisar a certeza em geral, prefigurando a primeira das certezas necessárias para desenvolver a ação gnosiológica – refutada pelos céticos – que é a certeza da existência.

Tendo este pressuposto existencial que descambará na própria consciência da existência de Deus – se considerada a honestidade na busca da Verdade –, Agostinho afirma que a Trindade é a luz da alma que permite com que a razão consiga enxergar as nuances do objeto de conhecimento o qual se quer conhecer.

No ato do conhecer, o Bispo de Hipona faz a suposição de que o processo em que o pensamento conhece a verdade é análogo àquele pelo qual os olhos veem os corpos.¹⁴ Levando em consideração essa comparação, é como se para que os objetos possam ser visíveis à vista seja necessária luz, em modo equivalente, “as verdades científicas devem tornar-se inteligíveis por um tipo de luz para serem apreendidas pelo pensamento.”¹⁵ Agostinho materializa esta explicação comparando o processo iluminativo com o sol que é fonte primária da luz:

[...] a razão, que fala contigo, promete que mostrará Deus á tua mente como o sol se mostra aos olhos. Porque as faculdades da alma são como que os olhos da mente: como as coisas que são certas no âmbito das ciências são tais como as coisas que são iluminadas pelo sol para que possam ser vistas, assim como o é a terra e tudo o que é terreno; mas Deus é quem ilumina.¹⁶

Entende-se, pois, que a partir da comparação entre Deus e o sol, da mesma forma que o sol é fonte de luz para que se veja, Deus é a fonte da verdade para o pensamento. Adiciona-se a esta conclusão o questionamento da qualidade de como se chega ao ato de vislumbrar o conhecimento da verdade. Agostinho afirma que para um olhar correto relativamente ao conhecimento, faz-se preponderante que o “olho interior” esteja isento de manchas para que enxergue a luz. A este olhar límpido, o *Doctor Gratiae* dá o nome de virtude. “Mas como não

¹⁴ GILSON, 2010, p. 159

¹⁵ *Ibidem*, p. 160

¹⁶ Solilóquios, I, VI, 12, p. 30.

se segue que todo aquele que olha vê, o olhar correto e perfeito, isto é, ao qual segue o ato de ver, se chama virtude: a virtude é, então, a razão correta e perfeita.”¹⁷

Isto posto, mais uma vez é aparente a participação do livre arbítrio no processo de conhecimento da pessoa: se o homem não manifesta vontade de corresponder honestamente em virtude ao ato de receber a luz, ele não vai conhecer a verdade e, não conhecendo a verdade, não conhece a Deus que é a Verdade e que o ilumina, dando-se a conhecer a Si mesmo pelo homem.

Agostinho comenta duas influências que recebera acerca do processo de aquisição de conhecimento que se utilizam da metáfora iluminativa, uma de forma positiva – esta diz respeito a Platão na *Alegoria da Caverna* – e uma forma negativa – da doutrina dos maniqueus. Quando do elogio que Agostinho tece de Platão afirmando que ele “considerou que Deus é autor de todas as naturezas, dispensador da inteligência, inspirador do amor e conduz à vida feliz e boa”¹⁸, abre-se espaço para a interpretação da *Alegoria da Caverna* que ele faz na *Obra Solilóquios*, de forma que a temática da Iluminação parece perfazer o pensamento platônico, tendo Agostinho, percebido que a via iluminativa se faz não só por um caminho, mas a Trindade permite algumas possibilidades, dado a pessoalidade do homem que interage com o conhecimento de formas diferentes.

Realmente, assim convém que sejam os amantes da sabedoria. A esses ela procura, cuja união é verdadeiramente casta e sem contaminação alguma. Mas não se chega a ela por um só caminho. Pois cada um abarca aquele bem singular e verdadeiro de acordo com o seu estado de saúde e firmeza. Ela é uma espécie de luz inefável da mente. A luz comum, á medida que pode, nos indica como é aquela luz. Pois há alguns olhos tão sãos e vivos que, ao se abrirem, fixam-se no próprio sol sem nenhuma perturbação. [...] Ao passo que outros são feridos pelo próprio brilho que desejam imensamente ver, mas, não conseguindo ver, com frequência retornam às trevas com prazer. [...]¹⁹

Percebe-se, pois, que o ato iluminativo, como elucidado no comentário agostiniano anteriormente citado, tem como fruto mais de uma possibilidade de resultado no homem. Enquanto o indivíduo que sai da caverna, contempla a luz e permite que a mesma o ilumine, fazendo com que perceba sua beleza, o que, mesmo tendo a curiosidade de vê-la pelo testemunho positivo do outro, não consegue permanecer junto dela pelo fato de ainda não entender como se colocar perante esta luz e deixar-se iluminar pela mesma.

¹⁷ Solilóquios, I, VI, 13, p. 31.

¹⁸ Cidade de Deus, XI, XXV, p. 60 (II)

¹⁹ Solilóquios, I, XIII, 23, p. 44-45.

De um todo, aqui não se tem foco uma diferença de vontade da Trindade que ilumina a cada um diversamente com boas e más intenções, mas pelo contrário, a diferença está no receptáculo da luz, que é a mente humana, que a recebe de acordo com suas predisposições pessoais – seja da vontade ou da própria preparação – de forma que, a ação bondosa do Deus Trino é a mesma.

Quanto à forma negativa, é ponderoso destacar que, enquanto Agostinho constrói a Doutrina da Iluminação como uma metáfora, discorda radicalmente do materialismo maniqueu que admitia Deus como uma espécie de luz corporal, material e sensível que era possível contato de forma sensitiva.²⁰

O intelecto humano é submisso as Ideias de Deus no que tange suas operações. Esta máxima é justificada pelo fato de o processo iluminativo desenvolver-se de duas formas diferentes: de maneira mediata e imediata. Na forma mediata a luz ilumina o intelecto do homem, sem, no entanto, este olhar diretamente para a luz. Já a maneira imediata, é chamada, também, mística, onde se vê diretamente a luz, tudo isto, obviamente, imersos numa metáfora. Considerar estas formas é importante, justamente, pelo que previamente fora destacado: existe uma submissão patente das operações do intelecto humano diante de Deus.

Disto isto, conclui-se que “o efeito da iluminação divina não é, ao menos normalmente, de uma iluminação sobrenatural; ao contrário, é a definição da natureza mesma do intelecto humano ser o sujeito receptor da iluminação divina.”²¹ Ou seja, mais do que deixar transbordar tal processo para um entendimento sobrenatural miraculoso, a iluminação seria parte ordinária do processo cognitivo do homem. Ademais, “Deus não pode ser substituído no nosso intelecto quando pensamos a verdade; sua iluminação é requerida apenas para tornar nosso intelecto capaz de pensar a verdade em virtude de uma ordem natural expressamente estabelecida por ele.”²², isto é, a correlação Verdade-Iluminação-Trindade é expressamente necessária para que o processo cognitivo do homem tenha possibilidade de existência porque, “o homem, enquanto dotado de intelecto, é naturalmente um ser iluminado por Deus.”²³

Tendo, pois, recorrido sobre o processo de Iluminação descrita por Agostinho em suas perspectivas filosófico-teológicas, é sugestivo discorrer sobre esta ação Trinitária de permissão de acesso a Verdade por parte do homem no ordenamento bíblico comentado por Agostinho em suas obras. Por metodologia, escolhe-se dispor desta análise a organização a qual o *corpus*

²⁰ Cf. GILSON, 2010, p. 163

²¹ *Ibidem*, p. 166.

²² *Ibidem*, p. 167.

²³ GILSON, 2010, p. 167

bíblico já o fora hierarquizado, destacando os comentários aos Gênesis e, em seguida, o Comentário ao Evangelho de São João, sobretudo com ênfase no prólogo.

2 OS COMENTÁRIOS DE AGOSTINHO AO RELATO DA CRIAÇÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA DA ILUMINAÇÃO TRINITÁRIA

Até aqui, viu-se a concordância dos estudiosos de Santo Agostinho no que concerne a Doutrina da Iluminação, em que esta manifesta uma ação Divina sobre a razão humana em vistas de permitir a ela o conhecimento acerca da verdade. “Em síntese, a iluminação da razão humana, como conhecimento, manifesta a ação do Deus Eterno, Sábio e Bom na criatura mutável, racional e pecaminosa.”²⁴

No *Opus Augustinianum*, a Iluminação Trinitária tem lugar em inúmeras de suas obras, sendo considerada, por alguns, elemento primordial para entender o pensamento do Santo de Hipona. Somado a esta opinião, bem como, a toda a discussão traçada no capítulo anterior, ao engendrar a reflexão da ação iluminativa na sagrada Escritura, Agostinho alcança outros termos das Letras Bíblicas correlacionando-os a operação trinitária da iluminação.

Sobretudo no Gênesis, a perspectiva iluminativa passa a ter relação não só com a dinâmica gnosiológica de aquisição de conhecimento, mas também, ao próprio ato criativo de Deus que tudo cria do nada, de forma libérrima em sua vontade e com gratuidade.

Em ordem cronológica, perpassam-se, nesta revisão, os três comentários ao livro do Gênesis construídos por Santo Agostinho, de forma tal que não se esgotarão as questões levantadas pelo Santo Doutor, mas, acima de tudo, as principais nuances que se correlacionam ou destacam-se no corpo do comentário.

2.1 O Comentário ao Gênesis contra os Maniqueus

Com conhecimento de causa Agostinho fala contra os maniqueus. Em sua busca pela verdade, no início de sua vida de estudos, ele fora “conquistado” pelas máximas maniqueias²⁵: “Caí assim nas mãos de homens desvairados pela presunção, extremamente carnis e loquazes.”²⁶

Como no Maniqueísmo se negava a divindade do Filho e do Espírito Santo em vista de justificar a separação entre luz e trevas, Agostinho dará destaque eminente neste comentário as

²⁴ AYOUB, 2011, p. 19.

²⁵ O Maniqueísmo era uma seita gnóstico-cristã que pregava a existência de duas forças principiantes eternas, um bem e um mal, ou, um Deus e a matéria, respectivamente, em que uma estava em constante luta contra a outra. Esta doutrina desviava o dogma da Trindade, dado que o Filho e o Espírito eram tidas, para eles, como criaturas de Deus que tinham como missão separar trevas e luz no homem.

²⁶ Confissões, III, VI, 10, p.72.

duas Pessoas da trindade, de forma tal que visa levar a perceber que a materialidade da luz defendida pelos maniqueus é absurda, sobretudo, no que diz respeito ao processo metafórico que ele constrói.

“No século IV, as exegeses bíblicas definem a *creatio* a partir de dois fundamentos também presentes nos textos de Agostinho: é totalmente realizada por Deus, bem como é ato de liberdade e gratuidade.”²⁷ Por conta desta conclusão, é notório que se estabelece uma relação de sujeição ontológica das criaturas todas em relação a Trindade.

Neste comentário contra os maniqueus, Agostinho detém-se em dois versículos centrais para contrapor as ideias maniquéias: um versículo sobre a origem – “No princípio, Deus criou o céu e a terra.”²⁸ – e um versículo que examina e classifica os diversos tipos de luz – “Deus disse: ‘haja luz’, e houve luz.”²⁹

2.1.1 O “no princípio” e o “o Espírito pairava”: contrapontos a falácia maniquéia acerca da criação

Fixando-se no primeiro versículo, os maniqueus entendem “no princípio” como um elemento puramente temporal, onde levantam o questionamento de que se Deus tivesse realizado o ato criacional no início de um tempo, ele teria que, necessariamente estar fazendo algo antes desta ação e, além disso, levantam a questão do que poderia ter movido à vontade divina a fazer uma coisa que nunca antes teria feito na eternidade.³⁰

Agostinho rebate esta tese maniquéia com uma relação de versículos onde a própria Escritura explica este “no princípio”. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus.”³¹ Agostinho afirma que este versículo do Prólogo do Evangelho de João é menção direta a Gn 1, 1. Portanto, “a relação entre os versetos selecionados ajusta o significado da expressão ‘no princípio’, não como ‘no começo do tempo’.”³² Esta relação dá-se, na verdade, com o Cristo-Verbo, como afirma Agostinho: “Respondemos-lhes que Deus fez o céu e a terra no princípio, não no princípio do tempo, mas em Cristo, visto que era Verbo junto ao Pai, pelo qual e no qual tudo foi feito.”³³ Este “princípio”, portanto, relaciona-se com o Verbo, retirando o quesito temporalidade da interpretação é aniquilando a tese maniqueísta neste ponto.

²⁷ AYOUB, 2011, p. 28. (grifo do autor)

²⁸ Gn 1, 1.

²⁹ Gn 1, 3.

³⁰ Cf. Gênesis contra os Maniqueus, I, II, 3, p. 503.

³¹ Jo 1, 1.

³² AYOUB, 2011, p. 31

³³ Gênesis contra os Maniqueus, I, II, 3, p. 503.

Somado a este excerto, Agostinho acrescenta uma corroboração de que o Filho permanece imutável, justamente porque está fora do tempo, é Eterno, dado que não é criatura, mas é o próprio Deus. Entende-se, pois, o Filho, como “um constante voltar-se de Deus para as criaturas.”³⁴

Tendo falado da negação do Filho como criatura, Agostinho realiza processo símile para com o Espírito Santo. Este é entendido como a vontade divina criadora, do mundo. Isto está expresso pelo versículo subsequente ao do “no princípio” que afirma: “e o espírito de Deus pairava sobre a água”³⁵ Como dito, o Espírito é a vontade de Deus. Ao “localizar” em palavras o Espírito sobre as águas, Agostinho entende não como uma localização espacial – dado que o Espírito não é criatura –, mas sim, como uma “potência invisivelmente sublime”³⁶ como vê-se: “Com efeito, aquele Espírito não pairava sobre a água por espaços locais, como o sol paira sobre a terra, mas pelo poder de sua invisível sublimidade.”³⁷

Portanto, o Espírito opera como a vontade da Trindade que cria o mundo. Nisto tem-se que, por ordem lógica, tudo o que é causa eficiente é maior do que aquilo que é feito, ao passo que nada é maior que a vontade de Deus, logo, a Vontade de Deus manifesta é o Espírito que é Deus Trindade. Chegar a esta conclusão, retira dos maniqueus a possibilidade de entender o Espírito como criatura pelo fato dele participar do ato da criação como criador e não como criatura. Destarte, o ato criador por parte do Espírito, manifesta Iluminação criativa da trindade, justamente pelo fato de que faz com que aquilo que não existia, exista, por sua libérrima vontade.

Como o foco da crítica dos maniqueus eram o Filho e o Espírito, Agostinho não parece dispensar tempo em traçar defesa sobre o Pai. Parece restringir-se a afirmar que “fez tudo do nada”³⁸ Rebaixando a ideia maniquéia da eternidade da matéria que coabitava com Deus na eternidade (conclusão absurda porque colocaria Deus em função de algo semelhante a ele, o que, logicamente é impossível porque confrontaria a necessidade de Deus).

2.1.2 “Faça-se a luz”: relação entre a feitura divina e a iluminação

Enquanto resolvido à problemática da completude da Trindade na temática antecedente, os maniqueus levantam dúvidas, também, acerca do ato criativo de Deus e da materialidade da

³⁴ AYOUB, 2011, p. 32.

³⁵ Gn 1, 2.

³⁶ AYOUB, 2011, p. 32.

³⁷ Gênesis contra os Maniqueus, I, V, 8, p. 508.

³⁸ *Ibidem*, I, II, 4, p. 504.

luz. Para Agostinho, a ação criadora de Deus, no que tange o aspecto da formação das criaturas, é referida no versículo: “E deus disse: ‘Faça-se a luz’.”³⁹ Neste excerto, tudo aquilo onde habitava desordem, era invisível, sintetizado em trevas⁴⁰ acaba por receber luz.

A infirmitade das coisas que já foram criadas por Deus anteriormente a este vigente ato é vencida pela iluminação divina, que, inserida neste contexto, exprime que Deus dispôs “mediante uma distinção ordenada as formas de todas as coisas em seus lugares e sedes.”⁴¹ Neste caso, para Agostinho, o ato iluminativo de Deus faz-se concedendo formas, ordenamento, posição e distinção as coisas criadas, ou seja, dando a sua razão de ser, concedendo forma a criação.

Para o *Doctor Gratiae*, o *fiat lux* equivale ao verbo divino – o Filho, segunda Pessoa da Trindade – que é, como já fora afirmado anteriormente, por quem Deus concebe as criaturas em ordenamento e distinção umas das outras. O Verbo é então, luz incriada, diferente da luz que chega aos olhos humanos que é criatura como o homem – não de mesma essência, mas de mesma proveniência que é a Criação de Deus. Tal afirmativa contra os maniqueus faz-se importante pelo fato de que eles concebiam a luz como matéria sensível e eterna – como as outras espécies de matéria –, além do que eternas. Afirmar que são criaturas, nos moldes que Agostinho faz, derrubam a tese falaciosa da co-eternidade da matéria e de Deus.

No que diz respeito, portanto, ao Filho, tem-se que

a menção à luz que ilumina todo homem não se restringe àquela percebida pelos sentidos corporais, comuns a todos os animais, racionais ou não. A luz referida em João 1, 9 ilumina a razão de todos os homens e nutre os corações puros dos que acreditam em Deus e são convertidos, afastando-se do amor pelas coisas corporais e temporais para cumprirem preceitos divinos. Tal luz incide sobre a razão, é própria para o conhecimento, e ilumina o coração, direcionando a vontade e tornando-a o amor do que deve ser amado.⁴²

Apesar de citar o Evangelho de João – que terá discussão ampliada no próximo capítulo –, a conclusão faz-se deveras pertinente ao entendimento da ação iluminativa do Verbo no Gênesis, justamente porque antecipa o comportamento do Filho quando da sua encarnação.

Fica claro, pois, que a intervenção divina no processo de criação do homem, sobretudo a ação do Filho, é tida por uma iluminação de ordem cognoscitiva – o que já fora explanado no primeiro momento – e de ordem moral – o que será elencado no terceiro ponto.

³⁹ Gn 1, 3.

⁴⁰ Cf. Gn 1, 2a.

⁴¹ Gênesis contra os Maniqueus, I, III, 5, p. 506.

⁴² AYOUB, 2011, p. 40.

Findando as duas questões levantadas para discussão no Comentário ao Gênesis contra os Maniqueus, salienta-se, a seguir, um destaque no segundo Comentário que Agostinho faz ao Gênesis, chamado *Inacabado*, percebendo que este, por não ter intenções primariamente apologéticas contra uma doutrina específica, tem a Iluminação com ação que perpassa a discussão sem necessidade de proeminência marcada.

2.2 O Comentário Literal ao Gênesis, *Inacabado*

Diferente do *Comentário ao Gênesis contra os Maniqueus*, o *Comentário Inacabado ao Gênesis* de Santo Agostinho, traça comentários mais gerais em relação à Criação relatada no livro de Gênesis e, portanto, o foco dado ao aspecto da Iluminação Trinitária também é menor do que o Comentário contra os Maniqueus.

Nesta obra, Agostinho avança em uma análise acerca da matéria informe, destacando o lugar de criatura da mesma – fruto da reflexão contra o Maniqueísmo – elencando a “função” das Pessoas da Trindade no ato da Criação. Como o cerne desta revisão é o tema da Iluminação Trinitária, recuperar-se-á, neste ponto, a diferenciação que Agostinho realiza entre a luz corpórea e a Luz procedente de Deus.

A partir da prerrogativa já apresentada anteriormente de que a Trindade cria os seres, não a partir de si mesma – dado que se fossem dessa forma os seres seriam coeternos -, mas do nada, a máxima tem validade para toda a criação inclusive a matéria informe. Enquanto para os Maniqueus, uma matéria informe possuía característica de eternidade – o que faria contraponto lógico com a unicidade e onipotência Divina – Agostinho afirma que tal matéria, mesmo que seja manufatura para que Deus realizasse a criação das outras matérias⁴³, é criatura também.⁴⁴

Esta elucidação apresentada pelo *Doctor Gratiae* serve de elemento basilar para a diferenciação que ele realiza entre a luz criatura e a Luz Incriada. A partir do versículo “Faça-se a luz.”⁴⁵, duas conclusões distintas mas correlacionadas são evidenciadas por Agostinho.

A primeira conclusão diz respeito a entender que esta luz criada por Deus é uma luz material e não corresponde ao Verbo, tendo em vista que o Verbo sendo Deus não é criado porque nada na natureza divina pode ser criado porque senão não seria eterna e, por consequência, não seria Deus. Assim, vê-se:

⁴³ “Fizeste o mundo de matéria informe.” (Sb11, 18)

⁴⁴ Gênesis *Inacabado*, III, 10, p. 601.

⁴⁵ Gn 1, 3

O Verbo de Deus, pelo qual foram feitas todas as coisas, não começou, nem deixará de existir; mas nascido sem começo é coeterno do Pai. [...] Tudo o que se diz de Deus em termos de começar e cessar, não se refere de forma alguma à sua natureza, mas à sua criatura que lhe está sujeita de modo admirável.

Dito isto, a melhor compreensão que Agostinho tem para descrever o Verbo, Luz Incriada, neste versículo é dizê-lo “Palavra de Deus pronunciada”, pela qual todas as coisas foram feitas, usando-se do Evangelho de João⁴⁶ para tal justificativa. Portanto, mesmo que em termos sejam símile, em se tratando do ser, a luz criada só é existente porque fora criada pela voz inefável da Luz Incriada que dá a existência as coisas.

Já a segunda conclusão de Santo Agostinho diz que:

Qualquer que seja a luz significada, devemos concordar que foi feita e criada; não aquela pela qual resplandece a Sabedoria de Deus, que não foi criada, mas nasceu. E não se pense que Deus esteve sem luz antes de criar esta da qual agora se trata. Porque a respeito dela, como bem o declaram as próprias palavras, manda que seja feita: *E disse: ‘Faça-se a luz’, e fez-se a luz.*⁴⁷

Entende-se, pois, que uma dessas luzes é aquela que procede de Deus, aquela que ilumina o entendimento do homem e lhe dá a capacidade do conhecimento de forma mais perfeita. A outra luz é aquela criada por Deus. Enquanto a primeira é a Sabedoria da Trindade, a última é qualquer outra expressão de luz mutável, seja corpórea ou não.

Deus cria a luz e, o relato do Gênesis narra que vendo que a luz era boa, Ele a separou das trevas.⁴⁸ Ora, Agostinho entende esta separação, primeiro afirmando que Deus não cria as trevas, mas estas existem porque são ausência de luz, ao passo que, em sentido correlato, no que tange a Iluminação trinitária no homem, as trevas dizem respeito à ausência de capacidade sensitiva⁴⁹, “embora se possa inferir o que poderia sentir, se existisse na alma essa luz pela qual possa sentir.”⁵⁰

Portanto, no *Comentário do Gênesis Inacabado*, apesar de o foco central do comentarista ser a temática da matéria informe, ao discutir sobre esta, acaba-se percebendo a necessidade de, em certo momento, atingir a tônica da Iluminação, ao realizar a comparação, quase necessário de diferencia a luz criada da Luz Incriada, a Sabedoria de Deus. Deste conteúdo específico deste comentário, difere também em especificidade o comentário referente

⁴⁶Cf. Jo 1, 1-3.

⁴⁷ Gênesis Inacabado, V, 20, p. 609.

⁴⁸ Cf. Gn 1, 3b

⁴⁹ Cf. Gênesis Inacabado, V, 24, p. 610.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 610

à Iluminação Trinitária no *Comentário Literal ao Gênesis*, último dos três registros que o santo de Hipona deixa sobre este livro da Sagrada Escritura.

2.3 O Comentário Literal do Gênesis

O *Comentário Literal do Gênesis* é considerada, por alguns comentadores do santo, o contato mais maduro com o primeiro livro da Sagrada Escritura. Agostinho.⁵¹ Pode ser que tal conclusão se dê pelo fato de que ele dedicou quase catorze anos na produção do mesmo, sendo que, realizou algumas interrupções para desenvolver sua reflexão sobre a Trindade.⁵²

Sobre a forma de atuação de Deus na Iluminação, o desenvolvimento desta no homem que é iluminado e a distinção entre as espécies de luz, os outros textos do Gênesis já permitem o arcabouço para tal. Sendo assim, ao revisar esta que é a maior peça dentre as três feitas pelo *Docto Gratiae*, o foco dar-se-á sobre a o tema da Iluminação e a moral e, também, a Iluminação e o repouso final.

2.3.1 A Iluminação e a moral

Pelo fato de o processo Iluminativo ser uma ação da Trindade sobre o aspecto anímico-racional do homem, a alma deve adequar-se moralmente às qualidades do que ele tenciona abraçar. Sobre isto, Agostinho formula:

Mas a alma racional, dentre as coisas que foram criadas por Deus transcende tudo perto, e é a que fica em maior proximidade dele quando é pura; e, à medida que ele adere por amor (por ele é iluminada e, por assim dizer, atravessada com uma luz inteligível), ela discerne – não com olhos corporais, mas com o olho primeiro que lhe é próprio, pela qual se sobressai, isto é, com sua própria inteligência – essas razões, em cuja visão obtém a felicidade suprema.⁵³

Compreende-se, pois, que a felicidade que advém do entendimento das ideias, sensível pela aclaração do ordenamento do mundo e da vida, possui a sua cerne na alma que é purificada pelo amor ao seu Criador.

O homem, por conta de sua miséria moral advinda do pecado, tem necessidade, pois, de se purificar racional e moralmente para que o projeto divino possa alcançar o seu complemento de forma perfeita.

⁵¹ Cf. AYOUB, 2011, p. 101.

⁵² Cf. *Ibidem*, p. 101.

⁵³ *De Diversis quaestionibus octoginta tribus*, XLVI, 2. (tradução livre)

Se a alma racional do homem avizinha-se da Trindade por motivação de amor, recebe, então, a Iluminação da Luz e, por conseguinte, conhece as ideais. Agostinho rechaça “que alguém possa se unir àquilo que a todos os homens apetece, isto é, a vida feliz, se não se unir pela pureza de um amor casto àquele que é único e ótimo, que é o Deus imutável.”⁵⁴ Segundo Agostinho, a alma tem condições de ver a Verdade, quando é perfeita, sábia e feliz, dado que nenhuma coisa se coloca entre ela a Trindade. Quando ela se encontra nesse estado, recebe auxílio imediato e, também, intrínseco e incorpóreo da Sabedoria Divina.

Portanto, a criatura espiritual e intelectual, perfeita e bem-aventurada [...], no tocante a si mesma para que exista e para que seja sábia e bem-aventurada, é ajudada apenas intrinsecamente pela eternidade, verdade, caridade do Criador. Mas se se disser que é ajudada extrinsecamente, talvez seja ajudada somente para se verem mutuamente e se alegrarem em Deus.⁵⁵

Percebe-se, pois, que o auxílio da Trindade age como inspiração iluminando a razão do homem, proporcionando a Verdade que é imutável e a alegria da Sabedoria, a partir dos quais a alma racional do homem consegue julgar para tomar decisão.

No que tange a experiência original do homem, discutida na Antropologia Teológica, para tecer uma suposição de como era o relacionamento entre Adão e Eva, antes do pecado, com Deus, Agostinho traça a seguinte hipótese: “Talvez Deus falasse com eles antes, no interior, mediante outros meios, ou com palavras inefáveis, tal como fala aos anjos iluminando suas mentes com a incomutável verdade.”⁵⁶ Sendo a Iluminação uma equivalente para uma inspiração oculta, incorruptível e inexaurível que perfaz a pessoa, Adão abandona este estado de escuta direta da voz de Deus e obscurece este contato com a mácula do pecado. Entretanto, a misericórdia de Deus move-se e, mesmo que o homem tenha estendido um manto que não permitira a passagem da Luz, Deus constrói uma história salvífica para que esta cortina se rompa e a Luz possa alcançá-lo novamente.

2.3.2 Fim do homem: a visão beatífica de Deus *post mortem*

A intenção de falar de uma moral está, justamente, na finalidade da mesma: a visão beatífica da eternidade. A razão de ser máxima do itinerário do homem coteja-se ao descanso eterno junto a Deus.⁵⁷ Ao chegar ao cumprimento do seu ser, o homem acaba por ser feliz e

⁵⁴ Cidade de Deus, X, I, 1, p. 425 (I)

⁵⁵ Gênesis Literal VIII, XXV, 47, p. 309.

⁵⁶ *Ibidem*, XI, XXXIII, 43, p. 423

⁵⁷ Cf. Gênesis Literal, IV, XVI, 27, p. 138

sábio pelo fato de – buscando a verdade com honestidade e submissão a luz divina – ser iluminado especialmente pela Trindade, não se deixando guiar por uma identidade meramente humana e dissociada da ação de Deus.

Em sua finitude, é factível que a perfeição do homem nunca poderá ser autônoma e, por isso, deve ser “reflexo perfeito do Ser (Pai), da Verdade (Filho) e do Bem (Espírito), seguindo o modelo de Jesus.”⁵⁸

É intrínseco ao homem o desejo de conhecer e conhecer-se, mas se não traça esse caminho imbuído de abertura a Iluminação Divina, não conseguirá chegar aos fins reais desta busca. Como o homem é ser mutável, somente um ser imutável – Deus – pode inteirar todas as dimensões do homem para que ele seja feliz. Ao findar a caminhada terrestre, tendo buscado sinceramente a verdade e tendo permitido que a Luz o alcançasse, ao homem, então, é concedida o repouso final que lhe permitirá estar diante da Trindade.

Quando a mente repousa em Deus, a Verdade é vista com evidência, sem ser escondida por nuvens de opiniões falsas. Nessa contemplação, as virtudes da alma não são penosas, nem se refreia a libido pela temperança, tampouco a coragem e a força suportam adversidades, sequer a justiça pune as iniquidades e a prudência evita males. A única virtude é amar o que se vê, e a suma felicidade é ter o que se ama.⁵⁹

O estado descrito neste trecho é, justamente, a condição de presença da Luz, isto é, da Iluminação plena do homem. Chegar, portanto, a essa condição é graça de Deus, em primeira instância, concedida através desta Iluminação, mas, por conta do livre-arbítrio, depende do ser humano para dar abertura e deixar-se ser iluminado.

Tendo o homem – descrito no Gênesis – fechado sua visão em trevas, fazendo com que enxerga-se a luz com dificuldade, o Pai envia o Verbo ao mundo, encarnando-se e tendo como missão iluminar o mundo que andava nas trevas.⁶⁰

⁵⁸ AYOUB, 2011, p. 149.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 150

⁶⁰ Cf. Is 9, 1

3 COMETÁRIO DE AGOSTINHO AO EVANGELHO DE JOÃO: O VERBO QUE ILUMINA PLENIFICANDO A REVELAÇÃO

Tendo o homem caído nas trevas do pecado, fora necessário que Deus enviasse seu Filho ao mundo para redimir os que estavam nas trevas. O prólogo do Evangelho de São João⁶¹ traça o movimento da Encarnação do Verbo e Santo Agostinho percebe muitos elementos que sustentam sua doutrina iluminativa, tanto pelo emprego de derivações da palavra “luz”, bem como de sinônimos que são usados para dizer sobre a Natureza, Missão e Glorificação do Verbo de Deus.

Destacar-se-ão os versículos que tem a temática da Iluminação de forma mais aparente, sobretudo, salientando a Evolução da aplicação da Doutrina nos Comentários à Sagrada Escritura.

3.1 “O que foi feito por meio dele era a vida, e a vida era a luz dos homens”.

“E a vida era a luz dos homens”.⁶² Agostinho traça uma primeira diferenciação, tendo a o relato da criação como plano de fundo, afirmando que somente o homem é iluminado porque as outras criaturas, inclusive os animais, não possuem mentes racionais que são capazes de ver a Sabedoria.⁶³

Acresce, no versículo nove, que o Verbo que iluminou e ilumina toda a raça humana é a luz verdadeira. E este ato iluminativo é doação da vida, em primeira instância. Só pode ser iluminada aquela alma racional que está viva. E por ser doador da vida, esta Luz é a própria Vida.

Todas as vezes que algum homem disse ou fez algo digno de Deus, ele foi Iluminado por aquela Luz. “Quando João Batista disse: ‘Eu não sou o Cristo, mas o Cristo há de vir depois de mim, e eu não sou digno de desatar a correia dos seus sapatos’, estava iluminado por aquela luz.”⁶⁴ Outro exemplo que Agostinho dá é o próprio Evangelista João afirmando que quando ele escreve as palavras deste prólogo, ele estava sendo iluminado por aquela luz.⁶⁵

⁶¹ O Contexto destes Comentários ao Evangelho de São João são espécies de homilias os quais o Bispo de Hipona proferia para catequizar o seu rebanho na grei que lhe fora confiado.

⁶² Jo 1, 4b

⁶³ Cf. Comentário ao Ev. de João, I, 18, p. 33

⁶⁴ *Ibidem*, p. 33.

⁶⁵ Cf. *Ibidem*, p. 33.

Enquanto alguns homens recebem a vida pela luz em abundância, outros, que fecharam os olhos – Agostinho chama de doença nos olhos – não tem condições de serem impressionados pela luz pelo fato de estarem “carregados pelos seus pecados”⁶⁶ O *Doctor Graciae* exorta que não é a luz que se distancia dos homens quando estes não a veem, mas o ao contrário, pelas trevas do pecado este homem não tem condições de enxergar a luz que lhe avizinha.⁶⁷

Para fazer ver, então, a luz que atinge os olhos, o homem tem limpar todas as possíveis imundices as quais olhe afastam da vida em abundância. Tendo limpadado os olhos, o fruto é ver a Sabedoria que lhe tange e encaminha para a visão do Reino dos Céus – “Bem aventurados os puros de coração porque verão a Deus.”⁶⁸

3.2 “Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz”

Pelo grande abismo de pecado que permeou a história do homem, para muitos não era possível limpar os olhos sozinho para conseguir enxergar a luz. Eis, pois, que A Trindade envia uma testemunha da Luz.

Aquele que dá testemunho da Luz é João Batista. Agostinho o compara com uma montanha. A montanha é a primeira a receber, em seu cume, os raios da luz. Depois de recebê-la, ela, por conta de sua silhueta, vai distribuindo a luz pelos ambientes que arroteiam.⁶⁹

Não se pode, entretanto, perder de vista que o monte não é a luz. Segundo Agostinho, se se acreditar que o monte é a luz, aquele que assim o faz encontrará naufrágio diante do caminho pelo fato de se chocará com elementos estranhos nas trevas. “Eleva-te àquele que ilumina o monte, pois este foi levantado com o fim de receber primeiramente os raios para transmitir depois aos teus olhos.”⁷⁰

João tem a consciência de que não é ele a Luz, mas sim, um difusor da Luz. João é facilitador para que esta Luz chegue a quem deve chegar: “Revestiu de luz João e por meio dele, que declara ter sido iluminado e revestido de brilho, e não o que irradia e ilumina, foi conhecido o que ilumina, foi conhecido o que irradia, foi conhecido o que enche de luz.”⁷¹

João veio pregar um batismo de conversão, precisamente porque o homem se afastou da luz. O homem só tem necessidade, então, de ser iluminado pelo fato de ter se afastado da luz.

⁶⁶ Comentário ao Ev. de João, I, 19, p. 34.

⁶⁷ Cf. *Ibidem*, p. 34

⁶⁸ Mt 5, 8

⁶⁹ Cf. Comentário ao Ev. de João, II, 5, p. 42.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 42

⁷¹ *Ibidem*, p. 44

Por ter caído e ferido o coração – olho da alma – que dava capacidade de ver a luz, o homem fez-se necessitado de que lhe mostrassem a luz e, mesmo quando João apresenta a luz aos homens, estes não quiseram gozar de sua presença. O próprio Jesus elenca esta situação: “João era uma lâmpada ardente e luminosa e vós poucos momentos quisestes gozar da sua luz, mas eu tenho um testemunho maior do que João.”⁷²

3.3 “E a luz brilha nas trevas, mas a trevas não a apreenderam.”

O evangelista afirma, como se viu anteriormente, que João fora receptáculo da Luz para transmitir aos homens a mensagem desta luz para que estes se abrissem a ela. Esta luz que João anunciara é exclusiva aos homens, nenhuma outra criatura tem acesso a ela.

Isso ocorre porque está luz traz superioridade ao homem diante das outras criaturas pelo fato de ser *Imago Dei*. Este princípio de relação com a Trindade é estabelecido pela luz do entendimento que perpassa a razão humana e lhe dá condições de perceber está proximidade com o Criador. E esta luz tem um lugar no home, lugar tal que o faz perceber de onde vem: “Onde está em vós a imagem de Deus? No vosso espírito, no vosso entendimento. [...] A luz do homem é o entendimento. Esta luz é superior a todas as inteligências, excede-as todas.”⁷³

Agostinho utiliza-se desta prerrogativa elucidada anteriormente de que o homem é receptáculo especial da luz para realizar uma catequese moral sobre tal. Afirmando que João deu notícia da luz, mas nem todos o escutaram, afirma então que muitos optaram por permanecer nas trevas. O Bispo hiponense afirma que estas trevas são “os infiéis, injustos, iníquos, ladrões, avaros, afeiçoados ao mundo.”⁷⁴ Entretanto, existe esperança para aqueles que não deixaram-se guiar, em algum momento de suas vidas, pela luz e, citando São Paulo, Agostinho afirma:

“Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor” (Ef 5, 8) A luz dos homens, a luz das inteligências não era vista; importava que um homem desse testemunho da luz. Esse homem, porém não devia ser tenebroso, mas iluminado. Pelo fato de estar iluminado, não era a própria luz, mas “vinha dar testemunho da luz”.⁷⁵

Importa ao homem – tendo em vista este excerto agostiniano – além de dar abertura a luz, também ser dócil àqueles que dão testemunho desta luz. Se a busca da verdade é honesta,

⁷² Jo 5, 35; Cf. Mt 21, 23.

⁷³ Comentário ao Ev. de João, III, 4, p. 60.

⁷⁴ *Ibidem*, III, 5, p. 61.

⁷⁵ *Ibidem*, III, 5, p. 61.

as sementes deste Verbo espalhadas pelo mundo dão testemunho de si e, por isso, o home deve estar atendo ao multidirecional caminho que a luz faz para chegar a seu coração.

Mas pode ocorrer de o homem não ter condições, por si só, de enxergar a luz porque foi maculado e precisaria de uma restauração “médica” nos olhos da razão que recebem a luz. Agostinho afirma, então, a partir desta necessidade, que “pela encarnação, o Verbo trouxe-nos a cura; e é por meio dela que nós vemos. Porque o Verbo se fez carne e habitou entre nós, tornou-se medicina para nós.”⁷⁶

O fruto desta cura é a possibilidade de ver a glória de Deus, vê-la com graça e verdade. E depois de curados, é obrigação do homem ser testemunho da luz, imitando João Batista. Várias lâmpadas pequenas produzem um grande luzeiro. Se for certo que o homem é receptor da luz, é também verdade que ele deve ser dispensador da luz. Agostinho afirma que ele cumpre esta missão imitando Aquele que fora o Iluminador de seu entendimento.

A Sabedoria Divina encarnada revela ao homem quais são os passos e as ações que a luz deve ter em vistas de atingir aos outros que ainda jazem nas trevas. A Imitação do Cristo, pois, é um ato de cooperação com a Iluminação Divina, sobretudo porque engloba a totalidade do home: ele foi iluminado, deixou-se perpetrar por esta luz, tornou-se satélite que reflete a luz e pode atingir, pelo seu testemunho da Luz, outros que ainda não foram curados para enxergá-la.

Por fim, Agostinho conclui que o Verbo que ilumina a alma humana e que produz uma mudança que o homem mesmo não pode ser a causa porque não é o fim da mesma: a Conversão. “Atuação do Verbo, incondicionalmente boa e generosa, faz a alma ser melhor, resgatando-a da desordem e dessemelhança e lhe atribuindo forma, desde que ela consinta ao chamamento divino.”⁷⁷ O homem é livre para não aceitar o chamamento, mas ficará incompleto caso opte por não responder

E assim [os esboços dos seres espirituais e corporais] continuariam pendentes e informes no teu Verbo se não fossem chamados novamente pelo mesmo Verbo para a tua unidade, e se não fossem formadas nem feitas todas sobremaneira boas pelo Uno, por ti que és o sumo Bem.⁷⁸

Logo, mesmo que o homem renuncie ser Iluminado, continuará sendo criatura amada por Deus que quererá dispor sua luz sobre ele quando ele quiser retornar. Enquanto não quer, a experiência que este homem faz é a experiência de trevas de vida abissal.

⁷⁶ Comentário ao Ev. de João, III, 6, p. 63.

⁷⁷ AYOUB, 2011, p. 86

⁷⁸ Confissões, XIII, II, 2, p. 404

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a revisão tecida nas páginas anteriores, algumas considerações a respeito da Doutrina da Iluminação Trinitária de Santo Agostinho podem ser levantadas como contributo deste trabalho.

Primeiramente, percebe-se que a Iluminação Trinitária diz respeito à uma ação de Deus no que tange suas criaturas. Nisto entende-se que está relação se dá sendo Deus a Luz que ilumina e as criaturas àquelas que são iluminadas. Objetivamente, está relação trata-se de uma iniciativa unilateral proveniente de Deus, mas que, pela liberdade dada ao homem, ele pode aceitar ou não.

Desde os comentários ao Livro do Gênesis, perpassando os desenvolvimentos anexos da obra de Santo Agostinho, é perceptível que o vocábulo “luz” é usado, mesmo dentro da temática, de formas diferentes. Em alguns instantes ela se refere à Trindade, sobretudo na pessoa do Verbo, que é aquele que ilumina: a causa eficiente do processo iluminativo. Mas também, ao se utilizar deste termo, tem-se, também, o objeto da ação iluminativa de Deus. Este objeto incorpóreo é a própria Sabedoria de Deus, chamada também de Luz Incriada.

Vale o adendo de que o substantivo “luz” é utilizado para significar a criatura que ilumina fisicamente os objetos. A partir da metáfora que se utiliza deste objeto, Agostinho consegue traduzir seu desenvolvimento referente à ação da Trindade na razão humana.

Tanto nos dois momentos lógicos da ação iluminativa de Deus – a criação e formação ordenada das criaturas –, Ele manifesta seu amor para com aqueles que são criados, dando a possibilidade, inclusive, de negarem a luz. E, mesmo depois de homem negar a luz, Deus continua a querer iluminar o homem e, por isso, envia a Sabedoria para ser encarnada para retirar o homem das trevas da escuridão. O mesmo Filho que na criação causa a capacidade de ser das criaturas, também ele, quando se encarna, renova esta ação iluminativa que por Adão tornou-se penumbra, através de sua Encarnação e redenção da humanidade.

Ao ter consciência desta ação sublime de Deus, cabe ao homem recolher-se ao íntimo de seu coração e fazer-se novamente criatura que ama o Criador, respondendo a Luz que o ilumina de forma tal que, abrindo em sinceridade o seu intelecto, possa ser reflexo para o mundo desta luz que o faz feliz.

Em suma, o objetivo de Deus através de seu ato iluminativo é amar sua Criação e, por consequência, leva-la a dar glória a Ele para que todos cumpram a razão de sua existência e de seu ser.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus (I)**. Petrópolis: Vozes, 2012

_____. **A Cidade de Deus (II)**. Petrópolis: Vozes, 2012

_____. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1995. [Coleção Patrística]

_____. **A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos**. São Paulo: Paulus, 2002. [Coleção Patrística]

_____. **Comentário ao Evangelho de São João**. [traduzido por Pe. José Augusto Rodrigues Amado]. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. [Tomo I] [*fac simile*]

_____. **Comentário ao Gênesis**. São Paulo: Paulus, 2005. [Coleção Patrística]

_____. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2002. [Clássicos de Bolso]

_____. *De Diversis quaestionibus octoginta tribus*. Disponível em: http://www.augustinus.it/latino/ottantatre_questioni/index2.htm. Acessado em: 16/09/2017.

_____. **Solilóquios; A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998. [Coleção Patrística]

AYOUB, Cristiane Negreiros Abbud. **Iluminação Trinitária em Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.

BÍBLIA SAGRADA AVE MARIA. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2010.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Patrística e escolástica**. São Paulo: Paulus, 2013.